

COMEDORES DE GORDURA E ESTETAS: A POLÍTICA DA EXIBIÇÃO*

Deborah Root

Alguns anos antes de Cortés chegar à costa do México, maus agouros começaram a espalhar-se na capital Tenochtitlán anunciando a iminência da chegada dos espanhóis e a destruição do império asteca. Um deles foi uma estranha ave cinzenta pescada do lago em torno da cidade. A ave usava um espelho na testa em que se podia ver o céu noturno e certas constelações. Ao olhar no espelho, Motecuzoma viu a noite estrelada dissolver-se para mostrar guerreiros estranhos vindo em sua direção, montando em veados e lutando entre si. Quando o rei pediu aos seus mágicos para olharem no espelho, tanto a imagem quanto a ave desapareceram de repente.

O que é que nesse agouro era tão especialmente perturbador ao imperador Motecuzoma e se tornava portador tão claro da destruição da cidade? A aparência de ave significava uma mensagem de Tezcatlipoca ao seu súdito e substituto, Motecuzoma. Tezcatlipoca é o Espelho Fumante, o deus negro do Norte, da noite, dos mágicos e ladrões. Às vezes aparecia como um belo jovem ou como um jaguar. Espelho Fumante controlava as forças da morte e da destruição e era conhecido em Tenochtitlán como o "inimigo dos dois lados" e o "tirano", no entanto ele também é criador e traz riqueza e dignidade. A presença de Tezcatlipoca domina todas as instituições de reinado e de sacrifício humano no México asteca¹.

A história da queda fatal de um rei que olha o espelho, lembra a morte de um outro soberano, o rei-deus Quetzacoátl-Topilzín de Tula, o reino tolteca em que os povos mexica ou astecas basearam sua legitimidade e cuja história e mitologia foram por ele apropriadas. Aqui, o irmão de Quetzacoátl fomentou uma revolução para

* "Fat-Eaters and Aesthetes: the politics of display" In: *Cannibal culture art. Appropriation & the commodification of difference*. Colorado & Oxford: Westview Press, 1996, pp. 1-8. Tradução de Ana Luiza Andrade.

¹ De acordo com a terminologia atual, o nome *méxica* é considerado mais correto do que *asteca*, que compõe as três cidades da federação da Tríplice Aliança.

impor o sacrifício humano e os ideais militares na cidade tolteca. O mau irmão era Tezcatlipoca, é claro, o Espelho Fumante, que venceu o irmão por um ardil: através de uma mágica perversa, Tezcatlipoca fez o irmão olhar o espelho, e a visão deste choca e horroriza Quetzacoátl a ponto deste ficar bêbado e cometer incesto com a irmã. Vendo-se forçado a fugir da cidade, de vergonha, Quetzacoátl deixa-a a Tezcatlipoca e entregue às forças dos sacrifícios humanos e do militarismo. Maus agouros anunciaram o colapso de Tula. Nas histórias cíclicas das cosmologias dos méxica, a queda de Tula espelhava a queda de Tenochtitlán, em que Tezcatlipoca aparece como aquele que destrói escarnecendo.

Tezcatlipoca tem um papel duplo. Sua relação ambivalente aos súditos exemplifica a maneira pela qual uma autoridade despótica opera, e sempre seduz. Não importa como é representado, ou a frequência de seu aspecto benevolente, generoso ou belo, Tezcatlipoca espera para entregar-nos o espelho revelador das conexões entre morte e riqueza, poder e desastre. Nos sistemas imperiais contemporâneos da tradição ocidental, a violência e a beleza caminham juntas, fragmentos que se refletem um ao outro ao infinito, todos apontando para a fome de escárnio de Tezcatlipoca. Se o déspota é imaginado como um signo a que todos os outros se referem, pode-se perceber a capacidade das várias manifestações da autoridade despótica para devorar imagens tanto quanto corpos humanos.

Os astecas reconheciam que a carne humana era necessária para o funcionamento do estado, e viam a extensão imanente da violência e do consumo de corpos para o império. A certa altura, sela-se um acordo: os astecas podiam consumir a riqueza dos povos conquistados, mas custava-lhes sangue. Espelho Fumante era explícito em sua demanda de sangue, e os astecas eram rigorosos em cumprir as cerimônias para honrar esta demanda. A vítima sacrificial subia a pirâmide para encontrar a faca obsidiana, e depois que o coração era cortado do corpo, e o sangue oferecido aos deuses, os braços e pernas eram distribuídos aos sacerdotes que administravam o culto sacrificial. Comer carne humana era um ritual estrito, em Tenochtitlán, e questões cosmológicas complexas sobre a transmutação da matéria circunscreviam o cerimonial canibal. Ao mesmo tempo, no entanto, os astecas comiam os inimigos e não os méxica. É sempre da carne dos outros que depende a escolha da refeição.

Tezcatlipoca anda pelo ocidente? Ainda demanda sangue em troca de poder? É possível que, a despeito da exigência européia de racionalismo e do ideal da polis democrática, a violência e o canibalismo tenham uma função cerimonial similar à do estado asteca? Sistemas de representação elaborados distraem a atenção da extensão de dependência de nosso sistema à matança ritualizada de

seres humanos. Os poderes ocidentais lançaram uma guerra no golfo pérsico e corpos foram consumidos em meio a uma demonstração cerimonial de imagens repetidas da família ocidental, do heroísmo individual, de auto-congratulação cultural. "Bagdá se iluminou como uma árvore de Natal", disse um piloto, assim articulando a demonstração do poder que era mais divertida que as negociações ou sanções jamais poderiam ser porque estetizavam a idéia de corpos mortos. A violência tornou-se bela. A árvore de Natal elide o que estava ocorrendo em Bagdá enquanto as bombas caíam, e tudo o que nos fica disso é o prazer do controle do piloto. As palavras do piloto norte-americano oferecem nada mais do que um relance de como o poder canibal funciona, mas prometem mais ainda. O espelho fumante oferece um sonho de plenitude e perfeição, mas como Tezcatlipoca e Louis Althusser mostram em modos diferentes, a imagem da face do poder pode operar somente como um ardil a mais.

Diferentes sociedades abordam questões de poder e representação diferentemente, e algumas são mais suspeitas da autoridade do que a tradição ocidental, tendo desenvolvido técnicas para conter a representação do poder. Algumas sociedades vêem o poder como perigoso e pouco atraente (ainda que sempre interessante)². Outras trazem o problema diretamente para fora, e dão nome ao poder, o que pode ser uma outra versão da mesma coisa. Ao reconhecer que o poder pode ser nomeado, se pode ver como as histórias dos méxica iluminam a natureza do poder que fica atrás do espelho na tradição ocidental porque nós não queremos olhá-lo de frente. A metáfora asteca sugere uma outra maneira de abordar a ambivalência ocidental sobre a representação e a autoridade imperial. Vale a pena prestar atenção a Tezcatlipoca porque ele demonstra que o estado é e sempre foi um canibal continuamente buscando carne para consumir. Voltemos à história dos dois irmãos.

Que a queda do estado tolteca tenha aparecido nos escritos astecas como resultado de um conflito entre os irmãos inimigos era indicativo do grau de destruição do antagonismo entre essas figuras. Cada um deles representava uma visão rival do militarismo e do sacrifício humano — em resumo, da organização e da representação estatal da violência. Às vezes imagino essas histórias sugerindo que o resultado da luta poderia ser diferente, e que ao barrar a traição de Tezcatlipoca, os méxica poderiam ter criado um estado diferente, em que os corpos não fossem consumidos pelas guerras e o bloco sacrificial. É importante lembrar que as idéias expansionistas da Tenochtitlán imperial, a economia baseada em tributo, e a massa humana sacrificial de prisioneiros de guerra eram todos

² Ver, p. ex., CLASTRES, Pierre. *Society against the State*. Oxford: Basil Blackwell, 1977; e *The archeology of violence*. New York: Semiotext[e], 1994.

mantidos e instituídos pelas elites militares-religiosas-mercantis da cidade. Como na Europa, não eram os caçadores, os fazendeiros, ou os cidadãos comuns moradores em vilas pequenas que estabeleciam os regimes canibais.

Certamente era, ao menos em parte, em honra a Quetzacoátl, que as pessoas pudessem manter ideais não-militaristas numa economia militar. Este se apresentava como um dopado e uma vítima da feitiçaria e dos truques, e no entanto era sempre mais benevolente e ajudava o povo mais que Tezcatlipoca. Mas a veneração a Quetzacoátl como o deus tolteca par excellence — e como o deus da aprendizagem, da ciência, e do sacerdócio — não muda o fato de ter sido Tezcatlipoca, o feiticeiro, espelho fumante, a ganhar no final. Na Tenochtitlán imperial, Tezcatlipoca era elevado ao supremo deus e adorado como Tloque Nahuaque — Mestre do Perto e do Fechado — o deus que sempre estava ali.

Quetzacoátl, em contrapartida, foi levado pelo sacerdócio. O título de Quetzacoátl era dado a altos sacerdotes, o que à primeira vista parece adequado, já que os toltecas eram vistos como a fonte de todo o saber e da cultura e a figura de Quetzacoátl como a do soberano exemplar dos toltecas. O reinado de paz de Quetzacoátl em Tula (até todo o drama do fim, é claro) sua identificação com o sacerdócio e com as virtudes da harmonia, sabedoria e aprendizagem, eram evocadas constantemente nos textos sacerdotais dos méxica, o que parece contraditório, dada a oposição de Quetzacoátl ao sacrifício humano e a intensa dedicação dos sacerdotes a este. Os ideais enaltecedores à literatura de Quetzacoátl foram, apesar de tudo, apresentados como antiéticos à feitiçaria e a discórdia forjados por Tezcatlipoca, e os escritos dos méxica foram cuidadosos em distinguir entre as duas figuras e as qualidades e valores aos quais cada um era associado.

Por causa da ênfase constante nas diferenças entre os dois irmãos, é fácil esquecer que Quetzacoátl era um monarca e um sacerdote, o que significava que mantinha a soberania política em Tula, com toda a hierarquia e a violência implicada pela instituição de autoridade real. O ideal sacerdotal por ele personificado obscurecia sua função despótica ou, por outra, purificava e tornava benigna a idéia do déspota ou lorde supremo. Quetzacoátl se tornou o ardil do poder imperial, aparecendo como o melhor do estado, e o que os reis em seu máximo poderiam oferecer ao seu povo. Mas já sabemos. A face despótica do sábio rei se revela em Tezcatlipoca, que trouxe a queda de Tula ao demonstrar a Quetzacoátl a sua face: "Então ele lhe deu o espelho e disse: 'Olhe e conheça-se meu filho, pois Vós aparecereis no espelho'. Aí Quetzacoátl se viu; estava com

muito medo e disse: 'Se meus vassallos me vissem, eles poderiam fugir'³.

A feitiçaria de Tezcatlipoca é mais forte do que as artes e a ciência de Quetzacoátl porque é capaz de revelar que o déspota não é a face benigna de Quetzacoátl mas a amedrontadora face do inimigo dos dois lados. Caem as ilusões, tudo é revelado, e a face no espelho é o que, ao signo, todos os outros signos referem: o poder. Tezcatlipoca ensina que o estado opera e mantém sua autoridade pela violência e pelo terror. Como soberano de Tenochtitlán ele mesmo reconhece isso e de fato torna-se rei ao revelar as demandas absolutistas de Tezcatlipoca e por encenar uma *performance* em que isso é demonstrado para todos verem. A relação humana do soberano à divindade é a de abjeção e de auto-humilhação ante um poder maior: aqui a autoridade despótica do deus. No discurso formal do rei méxica a Tezcatlipoca na ocasião de sua ascensão ao trono, diz, "O mestre, O nosso senhor, O senhor do perto, do nada, O noite, O vento, Vós inclinastes Vosso coração. Talvez Vós me confundistes por outro, eu que sou um comum, eu que sou um trabalhador. No excremento, na imundície, a minha vida tem sido — eu que sou inconfiável, eu que sou de sujeira, de vício. Eu sou um imbecil"⁴.

O artifício de fazer o soberano dizer coisas assim, publicamente, foi instituído, não só, penso eu, para sublinhar sua humildade ante o deus mas também para absolutizar a idéia de autoridade despótica *em si mesma*. A vontade do rei de expressar sua subordinação torna-se uma maneira de representar o conceito mais vasto de autoridade formal, e o que se enfatiza no discurso é que o sistema simbólico precisa ser organizado hierarquicamente, com uma cadeia de comando em que todos estão implicados. Até um soberano tem seu mestre. Isto é o que importa, não um deus ou um monarca em particular.

A história dos dois irmãos explica a violência despótica e o militarismo enquanto parece manter um ideal de estado benigno, mas o triunfo de Tezcatlipoca funciona como um reconhecimento de que a autoridade política sempre subjaz em caos e morte.

Os outros deuses principais, e suas funções e atividades, tornam-se diferentes aspectos de Espelho Fumante. O deus da guerra, Huitzilopochtli, revela-se como o azul Tezcatlipoca do sul, o deus esfolado, Xipe Totec, é o Tezcatlipoca vermelho do leste, e até o irmão inimigo Quetzacoátl torna-se o Tezcatlipoca branco, do oeste. Lamentar o destino infeliz de Quetzacoátl nos distrai ao ponto em

³ *Annals of Cuauhtitlán*. Apud.: SEJOURNE, Laurette. *Burning Water*. London: Thames and Hudson, 1978, p. 57.

⁴ *Florentius codex, rhetoric, and moral philosophy*. Vol. 4. Santa Fe: School of American Research Monograph, 1969, p. 41.

que os ideais associados com o triunfo de Tezcatlipoca — ou seja, os ideais do estado, do militarismo, e do sacrifício humano — afirmaram-se nas cidades dos México.

Um dos atributos de Tezcatlipoca é a invisibilidade — em algumas pinturas ele é representado só por pegadas — e sua habilidade de tornar-se invisível à vontade aumenta seu poder e capacidade de gerar o medo. De fato, ainda que o nome Tezcatlipoca seja traduzido geralmente por Espelho Fumante, uma mais acurada tradução seria "Uma Fumaça que Espelha". Espelhos obsidianos foram usados para adivinhação pelos México (e os espelhos astecas que chegaram à Europa depois de 1521 foram usados com o mesmo propósito por mágicos como John Dee e Nostradamus). Mágicos olharam para dentro do espelho e esperaram as imagens se formarem. O sentido de uma fumaça que espelha é sugestivo de uma qualidade dupla de velar e revelar pelo reflexo; a fumaça tanto obscurece quanto reflete a imagem do inquiridor. A face do poder nunca se revela plenamente mas sempre se vela. E aqui se encontra o deus ele mesmo, a deidade despótica Tezcatlipoca, que reflete a imagem do povo e dos sacerdotes que buscam a sabedoria do futuro e dos negócios do estado.

O espelho de Tezcatlipoca tem um nome; é chamado "O Lugar de Onde Ele Vigia". O deus invisível vê tudo e sabe tudo. O choque e o horror provocados em ambos Quetzacoátl e Motecuzoma pela presença no espelho não são difíceis de entender — ambas as figuras foram lembradas de que o olho vigilante do poder estava sobre eles, que o olhar despótico estava sobre tudo, até sobre os líderes supremos do país. Eles também foram lembrados de que também refletiam a face do déspota, verdade que era impossível de suportar, para Quetzacoátl. E esse olhar despótico implica a qualidade destrutiva que tanto observa quanto reflete o poder dos reis.

Escolhi (ou talvez apropriei) o exemplo dos dois irmãos México para ilustrar algo que pode ser relevado na cultura ocidental: o poder nunca é benigno. Quando a máscara do rei é arrancada, a face de baixo é sempre a de Tezcatlipoca, seja ele chamado Good Queen Bess ou John F. Kennedy. Tezcatlipoca — ou ao menos suas manifestações no mundo humano — é canibal, uma entidade que precisa de um nunca acabar de rios de sangue e de corpos humanos para consumir e cujos desejos são organizados em torno da morte. Em sociedades com hierarquias que controlam corpos e determinam quais vivem e quais morrem, há sempre um espetáculo de violência (até se este às vezes se localiza atrás de portas fechadas, com poucas testemunhas ou participações). A maioria dos espetáculos sacrificiais, que tomam formas explícitas ou implícitas, demonstram e simbolizam o elo entre poder e representação para todos verem. Todos estão implicados, e o povo se mantém alinhado. O poder engole a vida.

A história dos dois irmãos nos mostra que os méxica reconheciam a natureza de um sistema político hierárquico, mas uma vez que o poder social e religioso foi concentrado nas mãos de uma elite, o sistema tornou-se extremamente difícil de ser mudado por pessoas comuns, até assumindo que se dispusessem a tal. O sistema sacrificial dos méxica não é, penso eu, uma anomalia entre os sistemas sociais hierárquicos, motivo pelo qual ele pode iluminar os espaços lacunares e as falhas da tradição ocidental. A forma específica assumida por este sistema — as pirâmides, as filas de prisioneiros esperando o bloco do sacrifício — foi mais explícita do que muitas outras sobre a necessidade de consumir corpos humanos e para demonstrar esta habilidade de consumir para todos verem. Não estou descrevendo o estado dos méxica como um sistema canibal para separar o México asteca das ordens sociais europeias igualmente canibalistas e irrisoriamente marcá-lo como bárbaro (ou com epíteto similar). Semelhante ao sistema dominante no ocidente, a economia simbólica e política dos méxica tinha de se nutrir de violência para reproduzir e sobreviver. Os astecas entenderam a ambivalência do poder, em sua habilidade para, simultaneamente, seduzir e demandar, e sua facilidade em assumir uma vida própria. As manifestações específicas da autoridade imperial (exigida por Tezcatlipoca) tornaram-se imensamente difíceis de divergir da trilha canibal, uma vez que atingiu um certo ponto. E, novamente, algumas pessoas se beneficiaram deste sistema. A história dos dois irmãos também mostra que Tezcatlipoca é, talvez, mais fácil de reconhecer, senão de controlar, se ele é entendido dentro de uma ordem sagrada.

Muitos espanhóis que invadiram o México no século XVI não toleraram a explicitação da organização estatal da violência e a morte em massa dos méxica porque se recusaram a olhar diretamente as implicações do poder. Por exemplo, em Tenochtitlán, os prisioneiros de guerra eram mandados para as pirâmides sacrificiais, enquanto em Paris, nos mesmos anos, milhões eram massacrados nas ruas no Dia do massacre de São Bartolomeu. O estado europeu era — e é — tão canibal quanto o asteca, mas a morte em massa, na Europa, tende a ser classificada como um fenômeno acidental, ao invés de algo intrínseco ao funcionamento do sistema. A despeito de exemplo após exemplo das atrocidades ocidentais, outro alguém é sempre o cruel e o bárbaro sem piedade.

Estas palavras duras não têm a intenção de negar as muitas vias críticas, no pensamento europeu, que se dirigiram às questões da violência e do poder, e em específico, à ambivalência que estas podem gerar. Mas penso que precisamos confrontar a possibilidade de haver alguma coisa terrivelmente errada com a sociedade e de que esta se liga, de algum modo, à história sangrenta da cultura ocidental, um sangramento que ultrapassa todos os outros, incluín-

do os astecas e seus sacrifícios humanos. Mas seria uma possibilidade viável olhar nossa natureza canibal? Lembremos as consequências de olhar o espelho de Tezcatlipoca — Quetzacoátl perdeu o seu poder e teve que deixar a cidade.

O estado asteca deixa absoluta e inegavelmente explícita a natureza e a consequência de uma ordem social hierárquica e imperial, fato que é embelezado na tradição ocidental através de noções como "civilização", a estética da alta cultura, e a polis grega como fonte de organização política democrática. Continua-se, hoje, a obter esta contradição. Os méxica são apresentados como horríficos, uma sociedade incompreensível onde a violência estava totalmente fora de controle — diferente de nós. Os escritos europeus sobre a sociedade asteca focalizam quase exclusivamente o sacrifício humano, e que é descrito de tal maneira a obscurecer, por cima, os elos entre as diferentes versões de violência. (Claude Lévi Strauss se refere aos astecas como "aquela ferida aberta no flanco do americanismo"⁵.) Essa recusa tem suas consequências nos esquemas classificatórios de ambas as artes e as ciências ocidentais, particularmente nos esquemas de etnólogos e museólogos: a arte da corte asteca que não foi imediatamente destruída ou derretida, foi acomodada em museus europeus com as sociedades egalitárias definidas como "primitivas" e "selvagens", ao invés de estarem com os selvagens verdadeiros: as cortes européias e do antigo Oriente médio.

⁵ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Tropiques*. Trad. John Russel. New York: Atheneum, 1967, p. 388. Para uma discussão do sacrifício asteca, ver CLENDINNEN, Inga. *The Aztecs*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. O sacrifício humano é tantas vezes emoldurado como um enigma. Dito isso, há estudos cuidadosos da instituição, como o de DUVERGER, Christian. *La fleur létale: Économie du sacrifice azteque*. Paris: Seuil, 1979; e BOONE, Elizabeth H. (ed.). *Ritual Human Sacrifice in Mesoamerica*. Washington, DC.: Dumburton Oaks, 1984.